

Universidade será a primeira a fornecer informações para banco de dados a ser criado

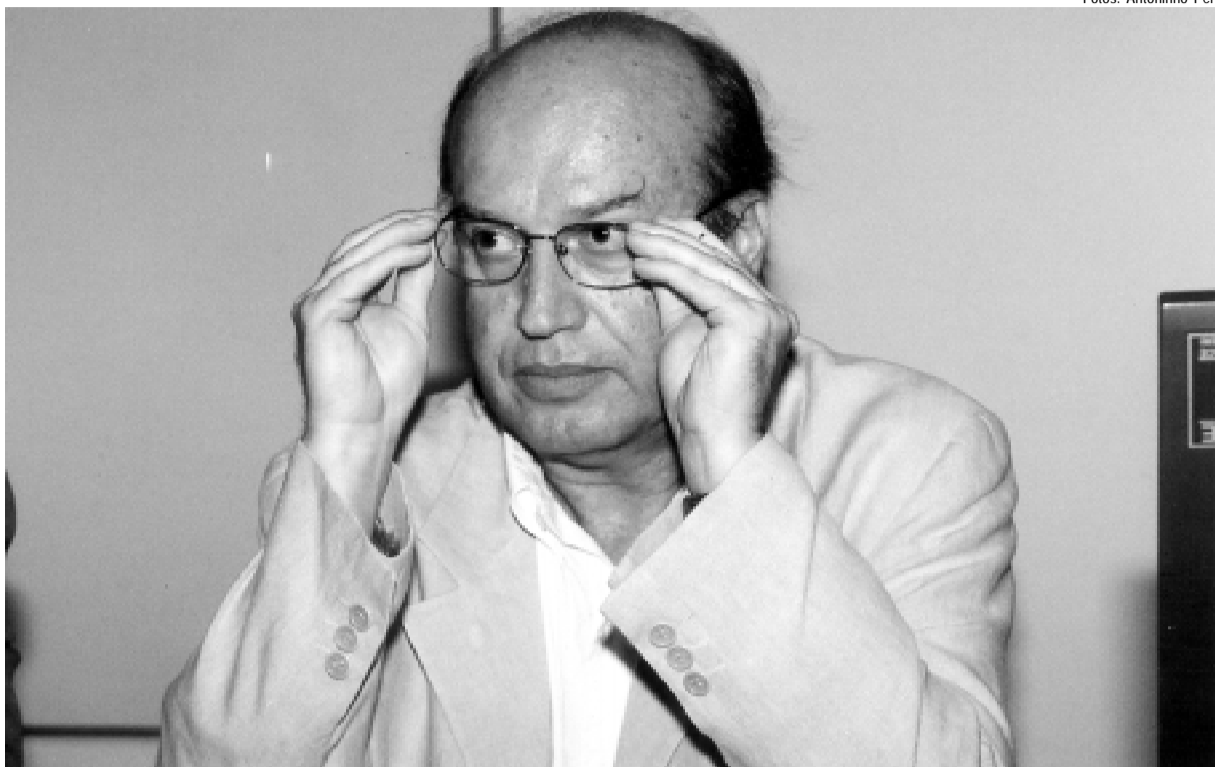
## Unicamp ajuda UNCTAD a implantar instituto virtual

Criada há 40 anos como o principal fórum de discussões para mudança nas regras do comércio mundial, a Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (UNCTAD, na sigla em inglês), decidiu ampliar seus esforços na difusão do conhecimento para fortalecer a postura dos países pobres nas rodadas de negociações. A entidade, que tem como secretário-geral o embaixador Rubens Ricupero, deixou clara essa intenção ao lançar durante o seu 11º encontro mundial, realizado em São Paulo no mês de junho, o Instituto Virtual, que armazenará e disponibilizará

**Dossiês já se encontram disponíveis**

via Internet estudos feitos por grandes universidades e centros de pesquisa. Parceira da UNCTAD em outras iniciativas, a Unicamp foi anunciada durante o evento como membro fundador do Instituto e primeira universidade a fornecer material para seu banco de dados.

“Estamos acostumados a ouvir sobre o mundo globalizado em termos de comércio globalizado, fluxos financeiros, mercados e produção, mas tendemos a esquecer que a força acionária mais importante da globalização é a que envolve idéias e conhecimentos”, disse Ricupero ao anunciar o lançamento do Instituto Virtual. Segundo ele, a UNCTAD tem um papel-chave nesse sentido por estar funcionando como um centro de discussões no que se refere ao comércio e desenvolvimento. “O valor de seu trabalho analítico não seria relevante se não fosse divulgado sistematicamente entre os usuários, e o Instituto Virtual pode ter uma atuação crucial em relação às comunidades acadêmicas no mundo todo”, disse. O site do Instituto, ainda em construção, pode ser consultado no endereço [www.vi.unc-](http://www.vi.unc-)



Fotos: Antoninho Perri

O professor Mário Presser, do Instituto de Economia: “Idéia é disponibilizar as contribuições da Unicamp”

tad.org.

“A Unicamp é, por enquanto, a única universidade latino-americana que pertence ao Instituto e praticamente o único membro que já era associado à UNCTAD antes de sua criação”, diz o professor Mário Presser, do Instituto de Economia (IE). Segundo ele, a universidade está ajudando a UNCTAD a implantar o Instituto nessa fase piloto. Na demonstração feita em São Paulo, o conteúdo apresentado foi fornecido pela Unicamp. “Foi apenas uma amostra mas a idéia é disponibilizar no site do Instituto as contribuições da Unicamp que mostram a situação brasileira no cenário globalizado”, disse Presser.

Entre os trabalhos a serem enviados, segundo o professor, há estudos sobre comércio e desenvolvi-

mento. “Também estamos desenvolvendo uma série de dossiês sobre as negociações em andamento na Organização Mundial do Comércio”, observa. De acordo com Presser, atualmente já estão disponíveis dossiês sobre agricultura, financiamento e comércio, e meio ambiente. Também serão armazenados trabalhos resultantes do Curso de Especialização em Diplomacia Econômica, coordenado por Presser desde agosto passado através de parceria firmada entre o IE e a UNCTAD.

Além da Unicamp também já confirmaram presença no Instituto universidades da Tanzânia, Ilhas Maurício, Índia e Jordânia. Nenhuma delas, porém, disponibilizou trabalhos para consultas no site. A expectativa é que o Institu-

to passe a agregar um importante banco de dados para subsidiar os países em desenvolvimento. “O objetivo é formar uma rede de instituições acadêmicas, que estará aberta a todas as universidades de qualidade”, comenta Presser. Em contrapartida, as universidades também encontrarão material para utilizar em suas atividades.

Entre os recursos oferecidos, destaca-se uma biblioteca virtual de documentos e base de dados da UNCTAD; material pedagógico para organização de cursos; e um ambiente que permitirá aos usuários apresentar suas atividades, intercambiar estudos e colaborar no desenvolvimento de atividades de formação e redes do conhecimento. “Num segundo momento, a idéia é promover intercâmbio de

pesquisadores”, diz Presser.

Presser diz que iniciativas nessa linha adotadas anteriormente, como o Curso de Especialização em Diplomacia Econômica, já começam a surtir efeito no Brasil. “O que se percebe é um aumento no número de pessoas que estão participando das negociações internacionais”, diz o economista. “Estamos formando uma massa crítica na sociedade civil para tornar as negociações mais transparentes, com a participação de ONGs, empresários e do próprio Congresso Nacional”, completa. Segundo Presser, uma das maiores dificuldades residia no fato de o Congresso não acompanhar as negociações brasileiras. “Só agora isso começa a acontecer”, diz.

Apesar do impacto positivo registrado na mudança de postura do País nas rodadas de negociações com os países ricos, Presser diz que ainda há muito a ser feito. “Diversas instituições brasileiras ainda não acordaram para o fato de que as regras aprovadas lá fora acabam repercutindo aqui dentro”, alerta. Por isso, um das intenções do curso de Diplomacia Econômica é influenciar a sociedade civil a ter uma boa participação nessas negociações, pressionando e levando contribuições ao Itamarati.

Além do Brasil, outros países em desenvolvimento também registram os impactos positivos da geração de conhecimento e formação adequada dos interlocutores. “Uma das coisas que mais impressiona é a mudança na qualidade da participação desses países, especialmente dos mais pobres”, destaca. Como exemplo, Presser cita o caso de quatro países africanos que defenderam a retirada dos subsídios americanos ao algodão durante a rodada de Cancun. “Isso foi resultado de um treinamento intenso feito pela UNCTAD nesses países”.

## Novo medicamento para disfunção erétil chega ao mercado em 2005

O professor adjunto de Farmacologia da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp (FCM), Gilberto De Nucci, espera iniciar entre julho e agosto os testes clínicos em seres humanos com o primeiro medicamento nacional contra disfunção erétil. A nova formulação, que recebeu o nome químico de Lilafil, tem princípio ativo diferente mas proporciona os mesmos efeitos do Sildenafil, conhecido comercialmente como Viagra, da multinacional Pfizer. O novo medicamento será produzido pelo laboratório Cristália, de capital nacional, com sede Itapira. O lançamento comercial está previsto para o segundo semestre de 2005.

**Remédio será mais barato que o Viagra**

Iniciada há um ano e meio, a pesquisa já passou por testes no Brasil e no exterior. O primeiro trabalho de De Nucci foi identificar entre as várias moléculas sintetizadas pelo laboratório Cristália aquela mais indicada ao desenvolvimento do novo medicamento. Essa tarefa foi realizada na Unicamp e na USP através de testes no corpo cavernoso de coelhos e cadáveres humanos. “Os trabalhos com corpo cavernoso já fazem parte de minha linha de pesquisa na Unicamp, o que facilitou a realização dos testes”, diz o pesquisador.

Após identificar a molécula mais indicada, que recebeu o nome de Lilafil, De Nucci deu início aos chamados testes regulatórios, que são obrigatórios antes das experiências com seres humanos. Essa nova fase de experiências foi realizada no Centro Internacional de Toxicologia, na França, envolvendo ra-



De Nucci, da FCM: testes da fase I serão feitos com 40 a 50 voluntários sadios

dos e cães da raça bigle, com o objetivo de verificar toxicidade da molécula. Mais uma vez, segundo o coordenador da pesquisa, os resulta-

dos foram satisfatórios, o que abriu caminho para o início dos testes em humanos.

A fase I da pesquisa em humanos

deverá ser iniciada no início do segundo semestre no Hospital Santa Rita, em São Paulo. O processo ainda encontra-se em fase de aprovação junto ao Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Biomédicas, da USP, no qual De Nucci também é professor titular de Farmacologia. O Comitê, segundo De Nucci, solicitou alguns testes toxicológicos adicionais. “Esta solicitação já foi atendida e acreditamos que os testes em humanos possam começar em breve”, diz o pesquisador.

Segundo De Nucci, os testes da fase I serão feitos com 40 a 50 voluntários sadios, sem registro de disfunção erétil, que tomarão o comprimido para avaliação da tolerabilidade do organismo ao medicamento. “Serão avaliados parâmetros de farmacocinética que medem a velocidade com que a droga chega à circulação sanguínea, o nível de absorção e o tempo necessário à eliminação pelo organismo”, explica De Nucci. A fase I, segundo o pesquisador, deverá estar concluída em três meses.

A fase II envolverá voluntários sadios e pacientes com histórico de disfunção erétil participarão do estudo duplo cego controlado. Um grupo receberá placebo (de efeito nulo) e outro a molécula de Lilafil sintetizada em laboratório. “Os voluntários passarão pela ultrasonografia para verificação do aumento da rigidez peniana e do fluxo sanguíneo nos corpos cavernosos sob ação do medicamento”, explica o coordenador da pesquisa. A fase III compreenderá um número maior de pacientes em vários centros de pesquisa. “Seguramente envolveremos um grupo de Campinas nessa fase”, diz ele.

O “Viagra brasileiro”, como está sendo chamado, é um medicamento do gênero *me too drug*, que mimetiza a molécula já conhecida, com modificações estruturais que a diferenciam do Sildenafil. O medicamento provoca o relaxamento do corpo cavernoso e inibe uma enzima chamada fosfodiesterase, que, em excesso no organismo, dificulta a vasodilatação do pênis. Com isso, melhora o fluxo sanguíneo e produz a ereção. A resposta terapêutica, porém, poderá diferir de pessoa para pessoa.

De Nucci conta que a iniciativa para desenvolver o medicamento partiu do Laboratório Cristália. “Eles conseguiram sintetizar uma série de moléculas que não passavam pela síntese do sildenafil”, explica. De Nucci diz que foi contratado pela empresa como consultor para identificar e testar as moléculas sintetizadas e apontar aquela mais indicada à formulação do novo medicamento.

De acordo com De Nucci, o composto poderá apresentar vantagens sobre os similares disponíveis no mercado, como o Viagra, o Levitra, do laboratório Bayer-Glaxo Smith Kline, e o Cialis, do Eli Lilly. Embora os testes em humanos ainda não tenham começado, as experiências feitas com animais demonstraram um período de ação maior, chegando a 36 horas. O Viagra, quando ingerido uma hora antes da relação sexual, dura de quatro a seis horas, o Levitra, oito horas, e o Cialis, chega a fazer efeito por 36 horas. Outra vantagem será o preço. O medicamento será de 20% a 30% mais barato que o Viagra, produzido pela Pfizer, vendido, em média, a R\$ 70.